

FMI não crê em nova fórmula

por Peter Montagnon
do Financial Times

Há pouca esperança sobre novas iniciativas para aliviar o peso do serviço da dívida sobre o mundo em desenvolvimento, declarou o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière.

Muitos países já alcançaram progressos dramáticos no ajuste de suas economias no decorrer do ano passado e continuarão nesse caminho desde que lhes seja proporcionado um apoio financeiro adequado e que a recuperação econômica seja garantida, declarou de Larosière em um seminário econômico em St. Gallen, Suíça.

Em seu pronunciamento, o diretor-gerente do FMI reiterou a linha ortodoxa de reescalonamento e ajuste das dívidas, em clara contraste com o apelo dos quatro princi-



Jacques de Larosière

país governos da América Latina por alterações substanciais nas políticas financeira e comercial do Ocidente.

"Os bancos comerciais terão de continuar emprestando em uma escala significativa, mesmo que reduzida, porque as necessidades de financiamento são tais que não

poderão ser atendidas sem os bancos", declarou.

Apesar disso, disse ter chegado o momento para situar o reescalonamento em uma perspectiva a longo prazo para os países que obtiveram expressivos progressos no ajuste econômico. "Essa posição, que seria aplicada em uma base caso por caso, auxiliaria os países em questão a recuperar o acesso ao financiamento espontâneo nos mercados internacionais", disse. "No entanto", prosseguiu, "o acesso ao novo fluxo comercial dependerá mais do que nunca da qualidade das políticas que os países tomadores colocaram em vigor e estão implementando."

Embora tenha advertido os países devedores a não abrandar o processo de ajuste da dívida, de Larosière disse também que é essencial para os países industrializados a

adoção de medidas para assegurar um crescimento não inflacionário.

O ex-ministro Mário Henrique Simonsen advertiu no seminário que é provável um confronto entre as nações devedoras e credoras, a longo prazo, se as exportações dos países devedores não crescerem de forma compatível com as taxas de juros.

Um alívio sistemático dos juros é indesejável, pois poderia desencorajar os países devedores a saldar suas dívidas, afirmou Simonsen. Em lugar disso, o ex-ministro propôs alterações nas normas para permitir a capitalização parcial dos juros e também o estabelecimento de alguns planos de emergência que poderiam envolver a criação de bônus mundiais isentos de taxas para proporcionar recursos aos países em desenvolvimento.